

A formação ética do jornalista em uma sociedade líquido-moderna¹

Anderson Luiz TEDESCO² - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

Mariana Frezza COSSA³ - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Xaxim, SC

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender como ocorre a formação ética do jornalista em alguns cursos de Jornalismo da Região Oeste e Meio-Oeste do estado de Santa Catarina, em uma sociedade líquido-moderna. Tendo como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica em Bauman. A pesquisa documental recorre-se aos PPCS dos cursos analisados e ao Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. A pesquisa chega à análise de que as matérias de Ética nos cursos apresentados podem ser revistas, bem como o uso do Código de Ética do Jornalista.

PALAVRAS-CHAVE: Ética jornalística; Oeste e Meio Oeste Catarinense; Formação ética.

1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a ética no jornalismo é um assunto saturado, jornalistas de todos os âmbitos já estão cansados de saber que precisam ser éticos, o conceito de ética e como praticá-la, todavia, a questão aqui presente remete àquilo que deveria se sobressair ao pensamento do jornalista ao exercer sua função: se é possível com todos os empecilhos da função fazer com que a ética realmente exista na prática jornalística. Ademais, é difícil falar de ética senão pensarmos onde o conceito aparece primeiro na vida de um profissional: na formação acadêmica. Para o autor nuclear do presente trabalho que nos dá uma base do conceito de ética, Zygmunt Bauman, antes de existir a ética deve-se pensar em outro conceito: o da moral. Aqui estabelecemos dois pontos importantes de estudo: como acontece essa formação ética-moral do jornalista e como é possível efetuar-la no exercício diário de sua profissão.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Docente do Colégio La Salle. E-mail: anderson.tedesco@lasalle.org.br

³ Acadêmica do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Xaxim – SC e bolsista em iniciação científica pela Uniedu/Fumdes. E-mail: mariana.cossa@gmail.com

Como já discutido, o jornalista formado⁴ têm seus primeiros contatos com a ética ainda no ensino superior, durante a faculdade. Neste momento, compreende seu dever ético diante da sociedade e é apresentado ao código de ética do jornalista. Na presente pesquisa avaliamos as matrizes curriculares e ementas de quatro (4) universidades e faculdades das regiões oeste e meio oeste do Estado de Santa Catarina, as quais: Universidade Comunitária Da Região De Chapecó (UNOCHAPECÓ), da cidade de Chapecó, Universidade do Contestado (UNC), de Concórdia, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), de Caçador e Celer Faculdades⁵, da cidade de Xaxim. Sendo três (3) presenciais (UNOCHAPECÓ, UNIARP e Celer Faculdades) e uma com ensino à distância (UNC). Avaliamos os conteúdos nucleares das ementas e bibliografias de cada universidade, que resultam na formação ética de seus alunos, contrastando com os estudos do sociólogo Zygmunt Bauman.

Antes de avaliar as ementas introduzimos o pensamento de Bauman sobre vida líquida e ética, duas problemáticas presentes em seus estudos e importantes para se compreender a contemporaneidade. O jornalismo contemplado na sociedade não foge à vida líquida e baseia seu *ethos* profissional em Códigos de Ética. Desta forma, o objetivo da pesquisa é compreender as relações da formação acadêmica do jornalista para entender se é possível pensar em uma ética real no jornalismo, dentro da sociedade líquida estudada por Bauman.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ÉTICA EM UMA SOCIEDADE DE LÍQUIDEZ

Zygmunt Bauman foi um sociólogo polonês que, de acordo com Frago (2011, p. 109), possuía o intuito em suas obras de “[...] compreender qual a possibilidade de resgatar a ação coletiva pela justiça social no momento em que a modernidade tornar-se cada vez mais individualizada e privatizada [...]”. Bauman engajou-se a explicar essa modernidade, e a

⁴Em 17 de junho de 2009 o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu ser inconstitucional a exigência do diploma de jornalismo e registro profissional no Ministério do Trabalho como condição para o exercício da profissão de jornalista. Não é necessário de diploma em ensino superior para exercer a função de jornalista. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

⁵ A Faculdade de Ciências Sociais – CELER (FACISA/Celer Faculdades) foi recentemente adquirida pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, que assumiu todos os seus cursos e estrutura. No momento de análise, estava sendo levada em conta a instituição como Celer Faculdades, não alterando quaisquer aspectos que ocorreram posteriores à venda.

definiu no período que estamos passando por “modernidade líquida” e “vida líquida”. Em sua obra intitulada “Vida Líquida” (2005) apresenta a ideia de que a modernidade e a vida líquidas estão interligadas, e de que estão inseridas em uma sociedade liquido-moderna, que define por “Uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros num tempo mais curto do que aquele necessário para consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”(BAUMAN,2005,p.7).

Na vida líquida tudo é efêmero e está baseado nos fins, no desapego, no esquecimento para um “recomeço” eminente e nas relações extremamente individualistas, ou seja, nada é sólido e consistente, tudo seria facilmente substituído e descartável.

Segundo Fragoso, que apresenta um contraponto da busca pela felicidade e reconhecimento social com a construção de identidade pessoal das sociedades sólidas e líquidas. “No caso da experiência dos indivíduos na versão líquida da modernidade, a identidade é continuamente montada e desmontada [...], portanto, prender-se a uma ‘identidade’ pode ser o desfecho final de um destino infeliz” (FRAGOSO, 2011, p. 113). Essa identidade pessoal não teria consolidação na modernidade líquida porque ela pode mudar constantemente muito por conta do capitalismo, o que o autor chama de “identidade portátil” e “fabricada”.

O aspecto funcional dessa identidade fabricada e portátil é que ela pode ser descartada no momento em que se tornar inconveniente. Quando não estiver mais feliz com o seu “eu”, *self*, o indivíduo pode descartá-lo e comprar um novo no mercado dos produtos de estilo. Mais fácil para uma felicidade continuamente buscada, visto que se pode fabricar “eus” distintos quando for necessário e dependendo do poder de compra do consumidor (FRAGOSO, 2011, p. 113).

Ainda parafraseando Fragoso “A modernidade líquida encontra-se em estado de ‘revolução permanente’” (2011, p. 114). Sendo assim, nenhuma identidade resiste ao tempo, como qualquer relação que se modifica e é descartada tão facilmente quanto resíduos de uma refeição *fast food*, afinal, na modernidade líquida o tempo deve ser produtivo e não suporta processos lentos. Neste segmento, o consumismo seria a consequência do sistema econômico em que vivemos e, portanto, uma manifestação sociavelmente naturalizada.

Conquanto Bauman não se deteu somente a tais questões em seu trabalho sobre modernidade líquida. A ética também surge engajada à temática e como um de seus principais tópicos. Segundo ele em seu livro “Vida em fragmentos: sobre ética pós-moderna” (1995) ao

mesmo tempo em que critica os chamados especialistas da ética, ou estudiosos, define a mesma por:

[...] a ética é um código de leis que prescreve o comportamento “universalmente” correto, isto é, para todas as pessoas em todos os momentos. Trata-se daquele comportamento que separa o bem do mal para todos, de uma vez por todas. É por isso que a enunciação de determinações éticas deve ser uma tarefa de pessoas especiais, como filósofos, educadores e pregadores. É também isso que coloca essas pessoas especiais, os peritos em ética, em posição de autoridade sobre as pessoas comuns que vão fazendo as coisas enquanto aplicam as regras informais a que se prendem (muitas vezes sem serem capazes de dizer como elas são (BAUMAN, 1995, p. 18).

O autor citado nos diz então que a ética está subjugada a códigos pré-fabricados por pessoas que se dizem especialistas no comportamento. Aquino em “Ética e moral no pensamento de Bauman” afirma, diante do pensamento de Bauman, que esses códigos não cumprem seu papel de prever tudo na Ética porque nem mesmo eles poderiam conceituá-la. “A categoria Ética, segundo o pensamento de Bauman, não consegue tornar efetivo o seu projeto racional de tudo prever e prescrever” (AQUINO, 2011, p. 37). Aquino também diz que a Ética na modernidade surge como um modo de existir um convívio harmonioso entre seres humanos, algo que deve ser seguido para que não saia-se dos padrões pré-estabelecidos por seus estudiosos (de ética). “A Ética na Modernidade é uma regra capaz de enunciar quais condutas são possíveis ou não dentro de um grupo a fim de manter sua coesão e promover a convivência. Trata-se de um projeto universal” (AQUINO, 2011, p. 37).

Bauman (1995) acredita na incoerência da existência de qualquer conceito ou documento que defina o que é ético ou não, porque as pessoas em seus cotidianos, e até mesmo os especialistas em ética, não consultam códigos de ética para saber se estão cumprindo com suas obrigações morais para com a sociedade.

Notemos que não foi a necessidade de orientação e de confiança das pessoas o que colocou os peritos éticos para trabalhar. A maioria das pessoas, na maior parte das vezes (e isso inclui os próprios especialistas em ética, sempre que fazem uma pausa em suas atividades profissionais e se ocupam de suas tarefas de todo dia), pode operar muito bem sem um código de conduta e sem selos oficiais certificando as propriedades desse código. Na verdade, elas precisam tão pouco do código e de suas autorizações que quase nunca têm a oportunidade de notar sua ausência, da mesma maneira como não percebemos o roubo de artigos domésticos que não usamos (BAUMAN, 1995, p. 18).

A Ética da Modernidade, para Bauman, seria mais do que algo que alguém solicitou a existência. Aquino em seu artigo dialoga com o texto de Bauman ao se perguntar “Será que, na ausência dessas pessoas, não seríamos capazes de descobrir meios acerca de como deveríamos nos portar diante do Outro, de nos caracterizar como ‘pessoas verdadeiramente morais e decentes?’” (2011, p. 39). Explicar ética e moral são uma das tarefas mais complicadas e questionadas nos textos de Bauman por sua gama de significados. “A fundamentação racional acerca da Ética é terreno ambivalente porque a sua base é caótica, não pode ser explicada ou contida: bem vindos ao (pantanosos) mundo da Moral” (AQUINO, 2011, p. 40).

2.2 JORNALISMO E ÉTICA: UMA RELAÇÃO FRAGILIZADA

Diante das reflexões acerca da vida líquida e ética de Bauman pode-se agora estabelecer aqui a relação entre os códigos de ética que o autor critica com o exercício profissional do Jornalista, que está subjugado ao uso de seu código de ética. A ética para um jornalista é um fundamento indispensável, mas a visão da necessidade do Código é plausível?

No jornalismo o código de ética é conhecido desde os primeiros meses de aula de um futuro jornalista na faculdade e é levado durante toda sua carreira. O “Código de ética dos jornalistas brasileiros” teve sua última edição escrita pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) no ano de 2007 e possui cinco capítulos, respectivamente: Capítulo I - Do direito à informação; Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista; Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista; Capítulo IV - Das relações profissionais; Capítulo V - Da aplicação do Código de Ética e disposições finais.

O presente código foi escrito por jornalistas, nesse caso dotados de conhecimento da profissão e não fundamentalmente em ética, contudo, a ética pautada no código é quase que um manual de instruções de como se portar moralmente diante da profissão jornalística. Ademais, o problema surge quando o exercício diário de fazer jornalismo está sujeito a todo instante a quebra das leis tão milimetricamente pensadas. Bauman (1995) estaria certo então ao afirmar que os especialistas ditam regras morais à sociedade sem que a mesma tenha condições de cumpri-las.

Isso também significa que a necessidade de especialistas em ética depende pouco, se é que depende, de quanto os peritos possam ou não cumprir sua promessa (assim como precisamos de médicos especialistas

independentemente da eficácia dos serviços que eles ofereçam). A necessidade surge apenas quando não podemos agir sem buscar o cumprimento dessa promessa. De modo paradoxal, a necessidade se torna ainda maior à medida que os bens resultantes não superam de todo as expectativas, e, portanto não satisfazem a necessidade que se esperava satisfazer (BAUMAN, 1995, p. 20).

Desta forma o jornalista mesmo que sempre sujeito a quebra de seu código de ética, teria de entender todas as razões que levam a essa ruptura, tais como o veículo de comunicação que está inserido, a obtenção de informações, liberdade de expressão e opinião e tantos outros. O conhecimento desses motivos seria o primeiro passo para conseguir exercer a profissão da forma mais ética, ou moral.

Conforme Hauptmann (2010) um fator importante para entender os “desvios éticos” do jornalista é a atividade jornalística como um mercado. A competição entre veículos de comunicação prejudicaria o trabalho jornalístico, ao passo que, ao priorizar as vendas comerciais e a produção exagerada de notícias, enxuga as suas redações. O resultado disso são jornalistas com incontáveis pautas diárias e pouco tempo de produção. Sem terem tempo de preocupar-se com dilemas éticos e para garantirem seus empregos, se agarram à técnica. Se estão presos à técnica, fazem da forma mais rápida que podem e assim não respondem a todas as perguntas necessárias para que o leitor/ouvinte entenda a mensagem, sendo assim, se não passam todas as informações, estão deixando quem precisa delas, desinformados, partindo assim para uma prática não ética. A técnica, para Hauptman, corrompe os princípios éticos do jornalista (HAUPTMANN, 2010, p. 6). Apresenta-se aqui um dos principais desvios éticos do jornalista: não cumprir com seu papel de informar.

Wonsovicz pode explicar tais desvios éticos como fruto de uma alienação causada pelo grande progresso científico e tecnológico que colocou o homem como segundo plano. Assim, o homem se transformaria também em uma mercadoria, onde o dinheiro, a produção, a posse e o consumo são valorizados acima de qualquer valor que dê “humanidade” às ações do mesmo (WONSOVICZ, 2001, p. 82). Tais fatores citados estão atrelados à sociedade líquida de Bauman, onde o *ter* está acima do *ser*. Reafirma-se, então, que um dos principais problemas morais do jornalista se encontra no mercado. Fazendo não mais que seu trabalho, atrelando-se somente a técnica e com pressão para produções exageradas de notícias diárias, o jornalista perde a essência de sua profissão.

Essa situação também é comentada por Wonsovicz, e seria o que ele chama de “coesão externa”: quando há uma pressão para que a pessoa faça algo contra sua vontade. “A coesão

externa é uma pressão que leva a pessoa a perder o controle dos seus atos e não poder decidir livremente” (WONSOVICZ, 2001, p. 64). Neste caso, podemos dizer que a coesão externa do jornalista seria o mercado, que “obriga-o” a realizar práticas que saberia serem erradas para manter-se no sistema. Porém, há uma reflexão a ser feita, o jornalista, quando se assume como prestador de serviços à sociedade tem sua responsabilidade moral para com ela. Mesmo que haja uma força externa é difícil afirmar que o jornalista não poderia manter-se ético.

Essa grande vontade de lucrar, vender e obter audiência da mídia pode manchar a credibilidade jornalística e até mesmo arruinar a vida de terceiros. Um caso muito conhecido em que houve a interferência da mídia foi o do sequestro seguido de assassinato de Eloá Cristina Pimentel no ano de 2008. A imprensa, sobretudo a televisão, acompanhou o caso desde o início, interferindo de todas as formas possíveis, inclusive ligando incessantemente em rede nacional para Lindemberg Alves, o assassino e ex-namorado de Eloá.

Essa interferência gerou em Lindemberg um sentimento de estrelismo, que fazia com que ele gostasse da fama e prosseguisse com o sequestro. No dia 17 de outubro de 2008, a polícia entrou no apartamento em que a garota estava sendo mantida e Lindemberg a matou. Tudo transmitido ao vivo pela televisão. A vida de Eloá foi comprometida no momento em que a mídia exerceu uma influência negativa em seu sequestro, repórteres e apresentadores interviram nas negociações e fizeram com que o assassino se sentisse bem com que estava fazendo – muitas das reportagens feitas comentavam o quanto Lindemberg era “um bom homem” e que tudo que estava fazendo era por “amor”. O documentário “Quem matou Eloá?”⁶(2016) de Lívia Perez, faz essa análise detalhada da cobertura midiática e a espetacularização no feminicídio de Eloá, com comentários de especialistas. Esse, como muitos outros casos, demonstra de que forma os desvios éticos dos jornalistas podem interferir fortemente na sociedade. Mesmo que forçados por seus veículos de comunicação, nesses casos, o jornalista deveria assumir sua responsabilidade moral.

Ademais, a ética no jornalismo não pode ser discutida fora das relações entre jornalistas, empresas jornalísticas, sindicatos de jornalistas e o público (ANTUNES, 2010, p. 7). Portanto, existem problemas e questionamento ético em todos os setores em que o jornalista está inserido e nas relações profissionais que estabelece. Hauptmann, expondo o pensamento de Bucci, comenta que a ética em sua essência não é baseada nas “generalidades superficiais dos códigos de ética” (2010, p. 5) e sim, que é necessária para que o jornalista

⁶ **QUEM matou Eloá?** Direção: Lívia Perez. Produção: Fernanda De Capua. 2015. Duração: 24 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4IqIaDR_GoQ>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

possa atender a sociedade com um jornalismo correto. Só através dessa postura e compreensão que a ética irá moldar seu caráter profissional e é a mesma que vai diferenciar o jornalista bom do jornalista vil (BUCCI, 2000 apud HAUPTMANN, 2010, p. 5).

Compreende-se, então, que o necessário não seria um código de ética jornalístico, como diz Bauman, mas uma moral anterior, para que aja uma compreensão verdadeira dos deveres do jornalista com a sociedade, para que só assim se atinja uma ética profissional.

2.3 A FORMAÇÃO ÉTICA DO JORNALISTA: ANÁLISE DE EMENTAS ACADÊMICAS DO OESTE E MEIO OESTE CATARINENSE

Para que antes se pense na atuação ética do jornalista no mercado é preciso compreender de onde partem os primeiros pensamentos morais do jornalista. Entendemos que o jornalista que passa pela faculdade necessita de uma formação ética suficientemente adequada para que exerça seu papel eticamente sem a necessidade de um Código de Ética para guiá-lo.

Assim, para investigar como está ocorrendo essa formação, selecionamos quatro universidades e faculdades das regiões Oeste e Meio Oeste do Estado de Santa Catarina, para, ao menos, saber como se dá essa formação ética dos futuros jornalistas que, muito provavelmente, atuarão em seu próprio Estado e Região. A análise se dá com base no questionamento da eficácia dessa formação para atuação jornalística em uma sociedade líquido-moderna, comentada por Bauman.

As ementas analisadas compreendem as seguintes universidades: UNOCHAPECÓ, UNC, UNIARP e Celer Faculdades. Sendo UNC de ensino à distância e o restante presencial. Os cursos ofertados tem duração de quatro (4) anos e tem categoria Bacharelado.

Quadro 1 – Disciplinas de ética ofertadas pelas universidades

Instituição	Disciplina	Semestre	Créditos	Carga Horária
UNOCHAPECÓ ⁷	Ética em Jornalismo	6º	2	40h/a
UNC ⁸	Ética e	6º	4	60h/a

⁷ UNOCHAPECÓ. **Jornalismo**. Disponível em: <<https://www.unochapeco.edu.br/jornalismo>> Acesso em: 04 de set. de 2018.

⁸ MATRIZ CURRICULAR. **Jornalismo UNC**. Disponível em: <https://www.ead.unc.br/admin/_lib/file/docmatriz_curricular/Matriz%20Curricular%20Jornalismo.pdf> Acesso em: 04 de set. de 2018.

	Legislação em Jornalismo			
UNIARP ⁹	Legislação e Ética do Jornalismo	7º	-	60h/a
Celer ¹⁰	Ética e Legislação Jornalística	5º	2	36h/a

Num primeiro momento de análise compreendemos que as denominações da matéria são iguais ou semelhantes, em nenhuma das universidades a matéria é ofertada durante os dois primeiros anos de formação e é só nas cargas horárias que há uma pequena divergência. UNC e UNIARP oferecem 60 horas de aula, enquanto UNOCHAPECÓ e Celer Faculdades contemplam praticamente metade disso, 40 e 36 horas. Nestas questões é importante percebermos que a formação insuficiente e tardia pode prejudicar o estudante e também o mercado.

Todas as universidades analisadas são particulares, ou seja, necessitam de pagamento de mensalidade, assim, se o estudante não possui ajuda financeira – seja por parte dos familiares ou por meio de bolsas de estudo –, precisa trabalhar. Muitas das vezes o futuro jornalista, em busca de experiência, começa sua prática ainda nos primeiros semestres de faculdade, aliando estudo com trabalho. Ou seja, ele entra para o mercado de trabalho antes mesmo de ter uma noção completa de seus deveres éticos.

É notável que o assunto “ética jornalística” é discutido frequentemente dentro do ambiente acadêmico, porém, sendo algo complexo e delicado o necessário seria encontrar-se matérias ligadas à ética ainda nos primeiros semestres de formação, sendo que o contato com o mercado é praticamente inevitável em uma modernidade-liquida, sabendo que, normalmente, o indivíduo que não se destaca e não possui experiência, tem dificuldade em encontrar um espaço no mercado. Temendo “ficar para trás” em uma sociedade que depende da mudança e

⁹ UNIARP. **Documentos Jornalismo**. Disponível em: <<https://www.uniarp.edu.br/home/ensino/graduacao/campus-cacador/comunicacao-social-jornalismo/matriz-curricular/>>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

¹⁰ CELER FACULDADES. **Currículo Jornalismo**. Disponível em: <http://www.celer.com.br/cursos/jor/grade_jor.pdf>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

avanço constante, o futuro jornalista procura por suas primeiras experiências, sem formação ética e caindo em suas primeiras armadilhas antiéticas, sem saber como lidar com as mesmas.

Em um segundo momento de análise, seguiremos com as ementas das disciplinas e autores presentes em suas bibliografias obrigatórias.

Quadro 2 – Ementas das Disciplinas

Instituição	Ementa	Bibliografia Básica
UNOCHAPECÓ	Teorias de ética e a relação quanto à moral. Deontologia do jornalismo e a ética jornalística. O interesse público, os procedimentos profissionais e as normas estabelecidas pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.	BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa . São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 245 p. ISBN 853590056X CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética no jornalismo . São Paulo: Contexto, 2008. 121 p. ISBN 9788572441803 (broch.).
UNC	Noções constitucionais e de Direito relativas à Comunicação e informação. Legislação de Comunicação Social e Propaganda. Lei de imprensa. Leis de proteção à produção intelectual. Direito autoral e responsabilidade em conteúdos na internet. A questão ética. A Ética da comunicação e da informação. O Código de Ética do Jornalismo e da Publicidade.	BAGDIKIAN, Ben. O monopólio da mídia . São Paulo : Scritta, 1993. BARBOSA, R. A imprensa e o dever da verdade . São Paulo : EDUSP, 1990. KARAM, Francisco José. Jornalismo, ética e liberdade . São Paulo: Summus Editorial, 1998.
UNIARP	Noções constitucionais e de Direito relativas à	-

	<p>comunicação e ao jornalismo. Legislação da Comunicação Social e do Jornalismo. Lei de imprensa. Leis de proteção à produção intelectual. Direito autoral e responsabilidade em conteúdos na internet. A questão ética. A Ética da comunicação e da informação. O Código de Ética do Jornalismo.</p>	
Celer	<p>A ética e suas concepções teóricas. A abordagem histórica e prática sobre o Código de Ética do Jornalista. A regulamentação da atividade profissional e os conflitos éticos percebidos no mercado e na realidade regional. Direitos Humanos. Educação ambiental.</p>	<p>CAMARGO, Marculino. Fundamentos de ética geral e profissional. Petrópolis: Vozes, 1999.</p> <p>KARAM, Francisco José. Jornalismo, ética e liberdade. São Paulo: Summus, 1997.</p> <p>SILVA, Josué Cândido da; SUNG, Jung Mo. Conversando sobre ética e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1995.</p>

Percebemos nas ementas divergências em relação à linha de estudo. Nas ementas da UNC e da UNIARP os estudos estão voltados mais a legislação e às leis ligadas a ética do que à profissão e nos desvios éticos do jornalista – que seriam assuntos importantes que mereceriam foco dentro do espaço acadêmico. Já nos cursos da UNOCHAPECÓ e da Celer a ementa é mais alternativa e contempla assuntos importantes para modernidade, como o interesse público e os desvios éticos na prática profissional. Porém, essas são as mesmas instituições que oferecem uma carga horária reduzida em relação às anteriores. Mesmo que mais completas no sentido atrativo, oferecem um tempo de formação insuficiente, sabendo que são as únicas disciplinas do curso ligadas diretamente com a ética.

Bahia e Rigueira entendem que o graduando precisa de um espaço demarcado para aprender ética, mas que o mesmo não seja ligado somente à uma disciplina.

[...] que aparecem normalmente no fim das grades curriculares, muitas vezes atreladas aos conteúdos de legislação, sugerindo que o que é ético é legal e vice-versa. Os alunos precisam de um espaço que os faça refletir sobre os dilemas que os aguarda. Um laboratório de ética [...]. Disciplinas de práticas também devem englobar situações nas quais os alunos seriam forçados a pensar valores morais e, conseqüentemente, aguçar sua postura ética (BAHIA; RIGUEIRA, 2009, p. 124

Assim, podemos analisar que os cursos que formarão os futuros jornalistas destas regiões Catarinenses oferecem a oportunidade de uma formação ética, mas que a mesma possui falhas no sentido de aplicação com a realidade. Bauman contempla a ética como um complemento do pensamento moral do indivíduo, desta forma, ensinar ética de uma forma burocrática, ligado a leis, no jornalismo não funciona. O jornalista precisa se formar moralmente e precisa de gatilhos para que alcance esta moral naturalmente. A didática, a ementa e o tempo das disciplinas que tratam somente sobre a ética necessitariam de ampliação no sentido didático, é preciso que o graduando pense na ética como interligada a tudo o que ele aprende, não somente como um conteúdo a ser estudado.

3 CONCLUSÃO

Através dos estudos de Bauman, com seu olhar sociológico, entendemos a ética como um produto da moral de cada indivíduo e que, segundo ele, é inútil se baseada somente em Códigos de Ética produzidos por “estudiosos da Ética”. Percebemos que de acordo com nosso problema de pesquisa, os Códigos de Ética do Jornalista não salvam o jornalismo dos dilemas éticos que afligem o mercado da comunicação a todo momento.

A sociedade líquida é contemplada por um mundo cada vez mais consumista e individualista, que se modifica constantemente e preza pela produção constante. Assim, nada mais difícil do que formar um jornalista com pensamento crítico a ponto de perceber que o jornalismo deve cumprir com seu dever de informar, e que qualquer desvio causado pela pressa, produção excessiva ou o anseio pelo “furo” de notícia, pode comprometer todo um clico de credibilidade que o público deveria ter no jornalismo. Desta forma, o acadêmico precisa de uma formação que lhe prepare para os desvios éticos que pode enfrentar e que não seja naturalizado com eles.

Através das análises compreendemos que as disciplinas de Ética nos cursos de jornalismo do Oeste e Meio-Oeste Catarinense ainda precisam ser reavaliadas, no sentido de carga horária, semestre ofertado, ementas e didática, para que o jornalista pense na ética como algo fundamental para si, não somente como profissional. A ética no jornalismo não é necessária somente para livrar o profissional de problemas legais e sim para que ele cumpra seu dever com a sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Marco António. **Ética da comunicação e ética da informação: teoria sistemática**. 2010. p. 13

AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes de. Ética e moral no pensamento de Bauman. **Cadernos Zygumt Bauman ISSN 2236-4099**, v 1, n. 2, p. 35-47, julho. 2011.

BAHIA, Ana Lúcia Alves; RIGUEIRA, Mariana Rigueira Carlos e. A ética e o ensino de jornalismo. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan/jun de 2009. p. 116-125.

BAUMAN, Zygmunt (1995). **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Tradução de Alexandre Werneck. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. p. 416.

_____ (2005). **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2ª ed. rev. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 23.

DICIO, Dicionário online de Português. Significado de Glamourizado. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/glamourizado/>> Acesso em: 13 out. 2017.

DICIO, Dicionário online de Português. **Significado de Glamourizado**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/glamourizado/>> Acesso em: 13 out. 2017.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, v.1, n. 1, p. 109-124, março. 2011.

HAUPTMANN, Claudemir. O indivíduo, a técnica e um vazio ético no jornalismo. **BOCC: Biblioteca on-line das ciências da comunicação**. 2010. p.7.

QUEM matou Eloá? Direção: Lívia Perez. Produção: Fernanda De Capua. 2015. Duração: 24 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4IqIaDR_GoQ>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Supremo decide que é inconstitucional a exigência de diploma para o exercício do jornalismo**. 17 de jun. de 2009. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>> Acesso em: 04 de set. de 2018.

WONSOVICZ, Silvio. **Aprendendo a viver juntos: investigando sobre Ética**. Editora Sophos, Florianópolis, 2001. p. 102.

